LIÇÃO 1 - A Dignidade e o Objeto desta Ciência

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 980a 21-983a 3

> *1. Todos os homens naturalmente desejam conhecer. Um sinal disso é o prazer que sentimos com os sentidos; pois, além de sua utilidade, eles são amados por si mesmos, e, acima de todos, o sentido que opera através dos olhos. Com efeito, não apenas para que possamos agir, mas mesmo quando pretendemos não fazer nada, preferimos a visão, por assim dizer, a todos os outros sentidos. A razão é que, dentre todos os sentidos, este é o que mais nos capacita a conhecer e revela muitas diferenças entre as coisas.*
>
> *2. Os animais, por natureza, nascem, portanto, com a capacidade sensorial.*
>
> *3. Ora, em alguns animais, a memória surge dos sentidos, mas em outros não; e por essa razão os primeiros são prudentes e mais capazes de serem ensinados do que aqueles que são incapazes de lembrar. Aqueles que não podem ouvir sons são prudentes, mas incapazes de aprender, como a abelha e qualquer outro tipo semelhante de animal que possa existir. Mas qualquer que possua esse sentido juntamente com a memória é capaz de aprender.*
>
> *4. Assim, os outros animais vivem pela imaginação e pela memória e compartilham pouco da experiência, enquanto a raça humana vive pela arte e pelo raciocínio.*
>
> *5. Ora, nos homens, a experiência vem da memória, pois muitas memórias da mesma coisa produzem a capacidade de uma única experiência. E a experiência parece ser algo como a ciência e a arte.*
>
> *6. Mas, nos homens, a ciência e a arte vêm da experiência; pois "A experiência causa a arte, e a inexperiência, o acaso", como Pólo afirma corretamente. A arte surge quando, a partir de muitas concepções adquiridas pela experiência, um único juízo universal é formado sobre coisas semelhantes. Pois julgar que este [remédio] foi benéfico para Cálias e Sócrates e muitos outros indivíduos que sofrem desta doença é uma questão de experiência; mas julgar que foi benéfico para todos os indivíduos de um tipo particular, como os fleumáticos, os biliosos*

ou os febris, tomados como uma classe, que sofrem desta doença, é uma questão de arte.

7. Em questões práticas, então, a experiência parece não diferir em nada da arte. Mas vemos que os homens de experiência são mais proficientes do que aqueles que têm teoria sem experiência. A razão é que a experiência é conhecimento dos particulares, enquanto a arte é conhecimento dos universais. Mas todas as ações e processos de geração dizem respeito aos particulares. Pois o médico cura o homem apenas incidentalmente, mas cura Sócrates ou Cálias, ou algum indivíduo que pode ser nomeado, ao qual a natureza homem pertence acidentalmente. Portanto, se alguém tem a teoria sem experiência e conhece o universal, mas não os particulares nele contidos, errará muitas vezes; pois é antes o homem individual que pode ser curado.

8. No entanto, achamos que o conhecimento científico e a capacidade de refutar objeções pertencem mais à arte do que à experiência, e somos da opinião de que aqueles que são proficientes em arte são mais sábios do que os homens de experiência, implicando que é mais segundo a sabedoria conhecer como alguém que persegue todas as coisas.

9. Ora, isso ocorre porque os primeiros conhecem a causa, enquanto os últimos não. Pois aqueles que têm experiência sabem que algo é assim, mas não sabem por quê, enquanto os outros sabem o porquê e a causa. Por essa razão, também, achamos que os mestres planejadores em cada arte devem ser tidos em maior estima, e que eles sabem mais e são mais sábios do que os trabalhadores manuais, porque entendem as razões das coisas que são feitas. De fato, pensamos que estes últimos se assemelham a certas coisas inanimadas, que agem mas não sabem o que fazem, como o fogo queima. Portanto, as coisas inanimadas realizam cada uma de suas ações como resultado de uma certa disposição natural, enquanto os trabalhadores manuais realizam as suas através do hábito, implicando que alguns homens são mais sábios não na medida em que são práticos, mas na medida em que eles próprios têm as teorias e conhecem as causas.

10. Em geral, um sinal de conhecimento científico é a capacidade de ensinar, e por essa razão achamos que a arte, mais do que a experiência, é ciência. Pois aqueles que têm uma arte são capazes de ensinar, enquanto os outros não.

11. Além disso, não consideramos que nenhum dos sentidos seja sabedoria, já que a cognição das coisas particulares pertence especialmente aos sentidos. No entanto, estes não nos dizem por que algo é assim; por exemplo, eles não nos dizem por que o fogo é quente, mas apenas que é assim.

12. É apenas apropriado, então, que aquele que descobriu qualquer arte que ultrapassasse as percepções comuns dos homens fosse admirado pelos homens,

> *não apenas por alguma utilidade de suas descobertas, mas como alguém que é sábio e que distingue [uma coisa] das outras. E à medida que mais artes foram descobertas, algumas para suprir as necessidades da vida, e outras para nos introduzir [às ciências], aqueles que descobriram as primeiras sempre foram considerados mais sábios do que aqueles que descobriram as últimas, porque suas ciências não eram por causa da utilidade. Daí, depois que todas essas artes já haviam sido desenvolvidas, foram descobertas aquelas ciências que são buscadas nem por prazer nem por necessidade. Isso aconteceu primeiro nos lugares onde os homens tinham lazer. Daí as artes matemáticas terem se originado no Egito, pois lá a classe sacerdotal tinha permissão para o lazer. A diferença entre arte e ciência e estados mentais semelhantes foi declarada em nossa obra sobre a moral.*
>
> *13. Ora, a razão para empreender esta investigação é que todos os homens pensam que a ciência chamada sabedoria lida com as causas e princípios primários das coisas. Daí, como dissemos antes (8, 9), o homem de experiência é considerado mais sábio do que aquele que tem qualquer um dos sentidos; o artista mais sábio do que o homem de experiência; o mestre planejador mais sábio do que o trabalhador manual e o conhecimento especulativo mais sábio do que o conhecimento prático. É bastante evidente, então, que a sabedoria é uma ciência de certas causas e princípios.*

COMENTÁRIO

Três razões pelas quais os homens desejam naturalmente conhecer

1. Aristóteles primeiro estabelece uma introdução a esta ciência, na qual trata de duas coisas. Primeiro (2), ele aponta com o que esta ciência se ocupa. Segundo (53), ele explica que tipo de ciência ela é ("Que esta não é uma ciência prática").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, mostra que o ofício desta ciência, chamada sabedoria, é considerar as causas das coisas. Segundo (36), explica com quais causas ou tipos de causas ela se ocupa ("Mas, uma vez que estamos em busca").

Em relação ao primeiro, ele antecede certas considerações preliminares a partir das quais argumenta em apoio à sua tese. Segundo (35), ele extrai uma conclusão dessas considerações ("Ora, a razão para empreender").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, esclarece a dignidade do conhecimento científico em geral. Segundo (9), explica a hierarquia no conhecer ("Os animais por natureza").

Agora ele estabelece a dignidade do conhecimento científico a partir do fato de que ele é naturalmente desejado como um fim por todos os homens. Daí, em relação a isso, ele faz duas coisas. Primeiro, ele afirma o que pretende [provar]. Segundo (1), prova isso ("Um sinal disso").

Consequentemente, ele diz, primeiro, que o desejo de conhecer pertence por natureza a todos os homens.

2. Três razões podem ser apresentadas para isso:

A primeira é que cada coisa naturalmente deseja sua própria perfeição. Por isso, diz-se também que a matéria deseja a forma, como qualquer coisa imperfeita deseja sua perfeição. Portanto, visto que o intelecto, pelo qual o homem é o que é, considerado em si mesmo, é potencialmente todas as coisas e se torna elas em ato apenas por meio do conhecimento — pois o intelecto não é nenhuma das coisas que existem antes de entendê-las, como é dito no Livro III de *Da Alma* —, cada homem deseja naturalmente o conhecimento, assim como a matéria deseja a forma.

3. A segunda razão é que cada coisa tem uma inclinação natural para realizar sua operação própria, como algo quente é naturalmente inclinado a aquecer, e algo pesado a mover-se para baixo. Ora, a operação própria do homem enquanto homem é entender, pois é por isso que ele difere de todas as outras coisas. Logo, o desejo do homem é naturalmente inclinado a entender e, portanto, a possuir o conhecimento científico.

4. A terceira razão é que é desejável para cada coisa unir-se à sua fonte, pois é nisso que consiste a perfeição de cada coisa. Esta é também a razão pela qual o movimento circular é o movimento mais perfeito, como se prova no Livro VIII da *Física*, porque seu término se une ao seu ponto de partida. Ora, é apenas por meio de seu intelecto que o homem se une às substâncias separadas, que são a fonte do intelecto humano e à qual o intelecto humano se relaciona como algo imperfeito a algo perfeito. É por essa razão também que a felicidade última do homem consiste nessa união. Portanto, o homem deseja naturalmente conhecer. O fato de alguns homens não se dedicarem a nenhum estudo desta ciência não refuta esta tese; pois aqueles que desejam algum fim são frequentemente impedidos de persegui-lo por alguma razão ou outra, seja pela dificuldade de alcançá-lo, seja por outras ocupações. E dessa forma, embora todos os homens desejem o conhecimento, nem todos se dedicam a sua busca, pois são retidos por outras coisas, seja pelos prazeres ou pelas necessidades da vida presente; ou podem até mesmo evitar o esforço que o aprendizado exige por serem preguiçosos. Ora, Aristóteles faz esta afirmação para mostrar que não é inútil buscar uma ciência que não é útil para mais nada, como acontece no caso desta ciência, já que um desejo natural não pode existir em vão.

5. Em seguida, ele estabelece sua tese por meio de um exemplo. Visto que nossos sentidos nos servem em dois aspectos: no conhecimento das coisas e no atendimento das necessidades da vida, nós os amamos por si mesmos na medida em que nos permitem conhecer e também nos auxiliam a viver. Isto é evidente pelo fato de que todos os homens sentem o maior prazer naquele sentido que é mais cognitivo, isto é, o sentido da visão, que valorizamos não apenas para fazer algo, mas mesmo quando não somos obrigados a agir. A razão é que este sentido — o da visão — é o mais cognitivo de todos os nossos sentidos e nos torna cientes de muitas diferenças entre as coisas.

6. Nesta parte, fica claro que ele dá duas razões pelas quais a visão é superior aos outros sentidos no conhecimento. A primeira é que ela conhece de maneira mais perfeita; e isso lhe pertence por ser o mais espiritual de todos os sentidos. Pois quanto mais imaterial é uma potência, mais

perfeitamente ela conhece. E evidentemente a visão é um sentido mais imaterial, se considerarmos a modificação produzida nela por seu objeto. Pois todos os outros objetos sensíveis mudam tanto o órgão quanto o meio de um sentido por uma modificação material, por exemplo, o objeto do tato aquecendo e resfriando, o objeto do gosto afetando o órgão do paladar com algum sabor por meio da saliva, o objeto da audição por meio do movimento no corpo, e o objeto do olfato por meio da evaporação de elementos voláteis. Mas o objeto da visão muda o órgão e o meio da visão apenas por uma modificação espiritual; porque nem a pupila do olho nem o ar se tornam coloridos, mas estes apenas recebem a forma da cor em um modo espiritual de ser. Portanto, como a sensação em ato consiste na modificação em ato de um sentido por seu objeto, é evidente que aquele sentido que é modificado de maneira mais imaterial e espiritual é mais espiritual em sua operação. Logo, a visão julga sobre os objetos sensíveis de maneira mais certa e perfeita do que os outros sentidos.

7. A outra razão que ele dá para a superioridade da visão é que ela nos fornece mais informações sobre as coisas. Isso é atribuível à natureza de seu objeto, pois o tato e o paladar, e igualmente o olfato e a audição, percebem aqueles acidentes pelos quais os corpos inferiores se distinguem dos superiores. Mas a visão percebe aqueles acidentes que os corpos inferiores têm em comum com os superiores. Pois uma coisa é realmente visível por meio da luz, que é comum tanto aos corpos inferiores quanto aos superiores, como é dito no Livro II de *Da Alma*. Logo, os corpos celestes são perceptíveis apenas por meio da visão.

8. Há também outra razão. A visão nos informa sobre muitas diferenças entre as coisas, pois parece que conhecemos melhor as coisas sensíveis por meio da visão e do tato, mas especialmente por meio da visão. A razão para isso pode ser extraída do fato de que os outros três sentidos percebem aqueles acidentes que de certa forma fluem de um corpo sensível e não permanecem nele. Assim, o som vem de um corpo sensível na medida em que flui dele e não permanece nele. O mesmo é verdade para a evaporação de elementos voláteis, com os quais e pelos quais o odor se difunde. Mas a visão e o tato percebem aqueles acidentes que permanecem nos corpos sensíveis, como a cor, o calor e o frio. Logo, o julgamento da visão e do tato se estende às próprias coisas, enquanto o julgamento da audição e do olfato se estende àqueles acidentes que fluem das coisas e não às próprias coisas. É por essa razão que a figura, o tamanho e coisas semelhantes, pelas quais o próprio ser sensível é disposto, são percebidos mais pela visão e pelo tato do que pelos outros sentidos. E são percebidos mais pela visão do que pelo tato, tanto porque a visão conhece mais eficazmente, como foi apontado (C 6), quanto porque a quantidade e aqueles [acidentes] que naturalmente decorrem dela, que são vistos como os sensíveis comuns, estão mais intimamente relacionados ao objeto da visão do que ao do tato. Isto fica claro pelo fato de que o objeto da visão pertence em algum grau a todo corpo que possui alguma quantidade, enquanto o objeto do tato não.

9. Os animais, então, por natureza (2).

Aqui ele considera a hierarquia no conhecimento. Ele faz isso, primeiro (9), com respeito aos animais brutos; e, depois (14), com respeito aos homens ("Assim, outros animais").

Com respeito aos animais brutos, ele menciona primeiro o que todos os animais têm em comum; e segundo (10), aquilo pelo qual eles diferem e se superam uns aos outros ("Ora, em alguns

animais").

Ora, todos os animais são semelhantes no aspecto de que possuem por natureza o poder da sensação. Pois um animal é um animal pelo fato de ter uma alma sensitiva, que é a natureza de um animal no sentido em que a forma distintiva de cada coisa é sua natureza. Mas, embora todos os animais sejam naturalmente dotados de poder sensorial, nem todos os animais têm todos os sentidos, mas apenas os animais perfeitos. Todos têm o sentido do tato, pois este sentido é de certa forma a base de todos os outros sentidos. No entanto, nem todos têm o sentido da visão, porque este sentido conhece de maneira mais perfeita do que todos os outros sentidos. Mas o tato é mais necessário; pois percebe os elementos dos quais um animal é composto, a saber, o quente, o frio, o úmido e o seco. Logo, assim como a visão conhece de maneira mais perfeita do que os outros sentidos, de modo semelhante o tato é mais necessário na medida em que é o primeiro a existir no processo de geração. Pois aquelas coisas que são mais perfeitas de acordo com este processo vêm depois no desenvolvimento do indivíduo que é movido de um estado de imperfeição para um de perfeição.

10. Ora, em alguns animais (3).

Aqui ele indica os diferentes tipos e três níveis de conhecimento encontrados entre os animais brutos. Pois há certos animais que têm sensação, embora não tenham memória que vem da sensação. Pois a memória acompanha a imaginação, que é um movimento causado pelos sentidos em seu ato de sentir, como encontramos no Livro II de *Da Alma*. Mas em alguns animais a imaginação não acompanha a sensação e, portanto, a memória não pode existir neles. Isso se verifica em animais imperfeitos que são incapazes de movimento local, como os mariscos. Pois, como o conhecimento sensorial permite que os animais providenciem as necessidades da vida e realizem suas operações características, então aqueles animais que se movem em direção a algo distante por meio do movimento local devem ter memória. Pois se o objetivo antecipado pelo qual são induzidos a se mover não permanecesse neles através da memória, eles não poderiam continuar a se mover em direção ao objetivo pretendido que perseguem. Mas no caso de animais imóveis, a recepção de uma qualidade sensível presente é suficiente para que eles realizem suas operações características, pois não se movem em direção a nada distante. Logo, esses animais têm um movimento indefinido como resultado apenas de uma imaginação confusa [ou indeterminada], como ele aponta no Livro III de *Da Alma*.

11. Novamente, do fato de que alguns animais têm memória e outros não, segue-se que alguns são prudentes e outros não. Pois, como a prudência faz provisão para o futuro a partir da memória do passado (e esta é a razão pela qual Túlio, em sua *Retórica*, Livro II, faz da memória, entendimento e previsão partes da prudência), a prudência não pode ser possuída por aqueles animais que carecem de memória. Ora, aqueles animais que têm memória podem ter alguma prudência, embora a prudência tenha um significado no caso dos animais brutos e outro no caso do homem. Os homens são prudentes na medida em que deliberam racionalmente sobre o que devem fazer. Por isso, diz-se no Livro VI da *Ética* que a prudência é um plano racionalmente regulado das coisas a serem feitas. Mas o julgamento sobre as coisas a serem feitas que não resulta de nenhuma deliberação racional, mas de algum instinto natural, é chamado de prudência em outros animais. Logo, em outros animais a prudência é uma estimativa natural sobre a busca do que é conveniente e a evitação do que é prejudicial, como um cordeiro segue sua mãe e foge

de um lobo.

12. No entanto, entre aqueles animais que possuem memória, alguns têm audição e outros não. E todos aqueles que não podem ouvir (como a abelha ou qualquer outro tipo similar de animal que possa existir), embora tenham prudência, ainda são incapazes de ser ensinados, ou seja, no sentido de que podem ser habituados a fazer ou evitar algo através da instrução de outrem, porque tal instrução é recebida principalmente por meio da audição. Por isso, em *O Sentido e os seus Objetos* afirma-se que a audição é o sentido pelo qual recebemos instrução. Além disso, a afirmação de que as abelhas não têm audição não se opõe de forma alguma à observação de que elas se assustam com certos sons. Pois, assim como um som muito alto mata um animal e racha a madeira, como é evidente no caso do trovão, não por causa do som, mas devido ao movimento violento do ar no qual o som está presente, de modo semelhante, aqueles animais que carecem de audição podem ser assustados pelo ar sonoro, embora não tenham percepção do som. No entanto, os animais que possuem tanto memória quanto audição podem ser tanto prudentes quanto ensináveis.

13. É evidente, então, que existem três níveis de conhecimento nos animais. O primeiro nível é o dos animais que não têm nem audição nem memória, e que, portanto, não são capazes de ser ensinados nem de ser prudentes. O segundo nível é o dos animais que têm memória, mas não podem ouvir, e que, portanto, são prudentes, mas incapazes de ser ensinados. O terceiro nível é o dos animais que possuem ambas as faculdades, e que, portanto, são prudentes e capazes de ser ensinados. Além disso, não pode haver um quarto nível, de modo que existiria um animal que tivesse audição, mas carecesse de memória. Pois aqueles sentidos que percebem seus objetos sensíveis por meio de um meio externo — e a audição é um deles — são encontrados apenas em animais que têm locomoção e que não podem prescindir da memória, como foi apontado (10).

14. Assim, outros animais (4).

Aqui ele explica os níveis do conhecimento humano; e, a esse respeito, faz duas coisas. Primeiro (14), explica como o conhecimento humano supera o conhecimento dos animais acima mencionados. Segundo (17), mostra como o conhecimento humano é dividido em diferentes níveis ("Agora, nos homens").

Assim, na primeira parte (4), ele diz que a vida dos animais é governada pela imaginação e pela memória: pela imaginação, no caso dos animais imperfeitos, e pela memória, no caso dos animais perfeitos. Pois, embora estes últimos também tenham imaginação, ainda assim cada coisa é dita ser governada por aquela [faculdade] que ocupa o lugar mais elevado dentro dela. Agora, nesta discussão, vida não significa o ser de um ser vivo, como é entendido no Livro II de *Da Alma*, quando ele diz que "para os seres vivos, viver é ser"; pois a vida de um animal nesse sentido não é resultado da memória ou da imaginação, mas é anterior a ambas. Mas vida é tomada no sentido de atividade vital, assim como também costumamos nos referir à associação como a vida dos homens. Mas pelo fato de ele estabelecer a verdade sobre a cognição dos animais com referência à gestão da vida, entendemos que o conhecimento pertence a esses animais, não por causa do conhecimento em si, mas devido à necessidade de ação.

15. Agora, como é dito abaixo (18), nos homens, o próximo passo acima da memória é a experiência, que alguns animais têm apenas em pequeno grau. Pois uma experiência surge da associação de muitas [intenções] singulares recebidas na memória. E esse tipo de associação é próprio do homem e pertence à potência cogitativa (também chamada de razão particular), que associa intenções particulares assim como a razão universal associa as universais. Ora, como os animais costumam perseguir ou evitar certas coisas como resultado de muitas sensações e memória, por essa razão eles parecem compartilhar algo da experiência, ainda que seja leve. Mas acima da experiência, que pertence à razão particular, os homens têm como potência principal uma razão universal por meio da qual vivem.

16. E assim como a experiência está relacionada à razão particular [nos homens], e a atividade habitual à memória nos animais, de modo semelhante a arte está relacionada à razão universal. Portanto, assim como a vida dos animais é governada de maneira perfeita pela memória juntamente com a atividade que se tornou habitual através do treinamento, ou de qualquer outra forma que seja, de modo semelhante o homem é governado perfeitamente pela razão aperfeiçoada pela arte. Alguns homens, no entanto, são governados pela razão sem arte; mas esse governo é imperfeito.

17. Agora, nos homens (5).

Aqui ele explica os diferentes níveis do conhecimento humano; e, a esse respeito, faz duas coisas. Primeiro (17), compara a arte com a experiência; e, segundo (31), compara a arte especulativa com a arte prática ("É apropriado").

Ele trata do primeiro ponto de duas maneiras. Primeiro, explica como a arte e a experiência se originam. Segundo (20), explica como uma é superior à outra ("Em assuntos práticos").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, explica como cada uma das acima se origina. Segundo (18), esclarece isso por meio de um exemplo ("Pois julgar").

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, descreve como a experiência se origina, e segundo (18), como a arte se origina ("Mas nos homens, a ciência").

Ele diz primeiro (5), então, que nos homens a experiência é causada pela memória. A maneira como é causada é esta: a partir de várias memórias de uma única coisa, um homem adquire experiência sobre algum assunto, e por meio dessa experiência ele é capaz de agir fácil e corretamente. Portanto, como a experiência nos fornece a capacidade de agir fácil e corretamente, ela parece ser quase a mesma coisa que ciência e arte. Pois elas são semelhantes na medida em que, em ambos os casos, a partir de muitas instâncias, obtém-se uma visão única de uma coisa. Mas diferem na medida em que os universais são apreendidos pela arte e as coisas singulares pela experiência, como é dito mais adiante (18).

18. Mas nos homens, a ciência e a arte (6). Aqui ele descreve a maneira como a arte surge. Ele diz que nos homens a ciência e a arte vêm da experiência, e prova isso pela autoridade de Polus, que diz que "A experiência causa a arte e a inexperiência, o acaso". Pois quando uma pessoa inexperiente age corretamente, isso acontece por acaso. Além disso, a maneira como a arte surge da experiência é a mesma maneira falada acima, na qual a experiência surge da memória. Pois,

assim como uma cognição experiencial vem de muitas memórias de uma coisa, também um julgamento universal sobre todas as coisas semelhantes vem da apreensão de muitas experiências. Portanto, a arte tem mais dessa [visão unificada] do que a experiência, porque a experiência diz respeito apenas a singulares, enquanto a arte tem a ver com universais.

19. Em seguida, ele esclarece isso por meio de exemplos ("Mas nos homens"). Pois, quando um homem aprendeu que este medicamento foi benéfico para Sócrates e Platão, e para muitos outros indivíduos que sofriam de alguma doença particular, seja qual for, isso é uma questão de experiência; mas quando um homem aprende que este tratamento particular é benéfico para todos os homens que têm algum tipo particular de doença e algum tipo particular de constituição física, assim como beneficiou os febris, tanto os fleumáticos quanto os biliosos, isso agora é uma questão de arte.

20. Nas questões práticas (7).

Ele compara a arte à experiência do ponto de vista da preeminência; e, a respeito disso, faz duas coisas. Primeiro (20), compara-as do ponto de vista da ação; e, segundo (23), do ponto de vista do conhecimento ("No entanto, consideramos").

Ele diz então que, nas questões práticas, a experiência parece não diferir em nada da arte; pois, quando se trata de agir, a diferença entre experiência e arte, que é uma diferença entre o universal e o singular, desaparece, porque a arte opera em relação aos singulares assim como a experiência. Portanto, a diferença mencionada diz respeito apenas ao modo como elas chegam ao conhecimento. Mas, embora arte e experiência não difiram no modo de agir, porque ambas agem sobre coisas singulares, elas diferem, no entanto, na eficácia de sua ação. Pois os homens de experiência agem de modo mais eficaz do que aqueles que possuem o conhecimento universal de uma arte, mas carecem de experiência.

21. A razão é que as ações têm a ver com coisas singulares, e todos os processos de geração pertencem a coisas singulares. Pois os universais são gerados ou movidos apenas em razão de outra coisa, na medida em que isso pertence às coisas singulares. Pois o homem é gerado quando este homem é gerado. Por isso, um médico cura o homem apenas incidentalmente, mas propriamente cura Platão ou Sócrates, ou algum homem que possa ser nomeado individualmente, ao qual pertence a natureza homem, ou antes, ao qual ela é acidental na medida em que ele é o curado. Pois, embora a natureza homem pertença essencialmente a Sócrates, ainda assim pertence apenas acidentalmente ao curado ou ao que é curado; pois a proposição "Sócrates é homem" é essencial, porque, se Sócrates fosse definido, 'homem' seria dado em sua definição, como será dito adiante no Livro IV." Mas a proposição "O que é curado ou tratado é homem" é acidental.

22. Portanto, uma vez que a arte tem a ver com universais e a experiência com singulares, se alguém possui o conhecimento teórico de uma arte, mas carece de experiência, será perfeito na medida em que conhece o universal; mas, como não conhece o singular, por falta de experiência, cometerá erros com muita frequência ao curar. Pois a cura pertence ao reino do singular mais do que ao do universal, porque pertence ao primeiro essencialmente e ao segundo acidentalmente.

23. No entanto, consideramos (8).

Aqui ele compara a arte com a experiência do ponto de vista do conhecimento; e, a respeito disso, faz duas coisas. Primeiro (23), expõe como a arte é superior à experiência; e, segundo (24), prova isso ("Agora, isso é porque").

Ele afirma que a arte e a ciência são superiores à experiência sob três aspectos. Primeiro, são superiores do ponto de vista do conhecimento científico, que consideramos ser alcançado pela arte em vez de pela experiência. Segundo, são superiores do ponto de vista de enfrentar objeções, o que ocorre em disputas. Pois, numa disputa, aquele que possui uma arte é capaz de enfrentar as objeções levantadas contra essa arte, mas aquele que tem apenas experiência não pode fazer isso. Terceiro, são superiores deste ponto de vista: que aqueles que possuem uma arte se aproximam mais do objetivo da sabedoria do que os homens de experiência, "Implicando que é", i.e., acontece ser, "mais verdadeiramente conhecer se a sabedoria busca todas as coisas", i.e., na medida em que busca os universais. Pois aquele que possui uma arte é julgado mais sábio do que aquele que tem experiência, pelo fato de considerar os universais. Ou em outra versão: "Implicando que é mais segundo a sabedoria conhecer como alguém que busca todas as coisas", i.e., os universais. Outra leitura tem: "Como mais conforme ao conhecer, visto que a sabedoria busca todas as coisas", como se dissesse: "Como mais dependente do conhecer" do que do fazer, "visto que a sabedoria busca todas as coisas", i.e., procura alcançar cada coisa singular; de modo que são antes chamados sábios aqueles que são mais conhecedores, não aqueles que são mais homens de ação. Por isso, outra leitura expressa esse significado mais claramente, dizendo: "Implicando que todos buscam a sabedoria mais com respeito ao conhecer."

24. Agora, isso é (9).

Em seguida, ele prova a superioridade da arte e da ciência mencionada acima, e faz isso por meio de três argumentos. O primeiro é o seguinte: aqueles que conhecem a causa e a razão pela qual uma coisa é assim são mais conhecedores e mais sábios do que aqueles que meramente sabem que ela é assim, mas não sabem por quê. Ora, os homens de experiência sabem que algo é assim, mas não conhecem a razão, enquanto os homens que possuem uma arte não apenas sabem que algo é assim, mas também conhecem sua causa e razão. Portanto, aqueles que possuem uma arte são mais sábios e mais conhecedores do que aqueles que têm experiência.

25. Por essa razão também (9).

Aqui ele prova o primeiro aspecto da superioridade, e isso se dá da seguinte forma. Aqueles que conhecem a causa e a razão pela qual uma coisa é assim são comparados àqueles que meramente sabem que ela é assim como as artes arquitetônicas são comparadas às artes dos trabalhadores manuais. Mas as artes arquitetônicas são mais nobres. De modo semelhante, então, aqueles que conhecem as causas e razões das coisas são mais conhecedores do que aqueles que meramente sabem que as coisas são assim.

26. A primeira parte desta prova torna-se clara pelo fato de que os arquitetos, ou artistas mestres, conhecem as causas das coisas que são feitas. Para entender isso, devemos notar que "arquiteto" significa artista chefe, de αρχος (archos), que significa chefe, e τεχνη (techne), que significa arte.

Ora, diz-se que uma arte é uma arte chefe que realiza uma operação mais importante. De fato, as operações dos artistas são distinguidas desta maneira; pois algumas operações são direcionadas a dispor a matéria do artefato. Carpinteiros, por exemplo, cortando e aplainando a madeira, dispõem a matéria para a forma de um navio. Outra operação é dirigida a introduzir essa forma na matéria, por exemplo, quando alguém constrói um navio a partir da madeira que foi disposta e preparada. Uma terceira operação é dirigida ao uso do produto acabado, e esta é a operação mais elevada. Mas a primeira operação é a mais baixa porque está direcionada à segunda, e a segunda está direcionada à terceira. Portanto, o construtor naval é um artista superior em comparação com aquele que prepara a madeira; e o navegador, que usa o navio completo, é um artista superior em comparação com o construtor naval.

27. Além disso, uma vez que a matéria existe para a forma e deve ser tal que se adapte à forma, o construtor naval conhece a razão pela qual a madeira deve ser moldada de uma maneira particular; mas aqueles que preparam a madeira não sabem disso. E de modo semelhante, uma vez que o navio completo existe para ser usado, aquele que usa o navio sabe por que ele deve ter uma forma particular; pois a forma deve ser aquela que se adapta ao seu uso. Assim, é evidente que a razão para as operações que dispõem a matéria é tirada do projeto do produto na mente do artista, e a razão para as operações que produzem a forma do artefato é tirada do uso [ao qual o artefato se destina].

28. É evidente, então, que os artistas mestres conhecem as causas das coisas que são feitas. De fato, julgamos e falamos sobre os outros, i.e., os trabalhadores manuais, como fazemos sobre certas coisas inanimadas. Isso não é porque eles não realizam operações artísticas, mas porque as coisas que fazem, fazem-nas sem conhecer a causa; pois sabem que algo deve ser feito, mas não por que é, assim como o fogo queima sem saber por quê. Portanto, há uma semelhança entre coisas inanimadas e trabalhadores manuais deste ponto de vista: assim como as coisas inanimadas agem sem conhecer as causas, na medida em que são direcionadas ao seu fim próprio por um intelecto superior, também os trabalhadores manuais agem assim. Mas eles diferem neste aspecto: as coisas inanimadas realizam cada uma de suas operações como resultado de sua natureza, enquanto os trabalhadores manuais as realizam através do hábito. E, embora o hábito seja praticamente o mesmo que a natureza, na medida em que está inclinado a um efeito definido, ainda assim o hábito difere da natureza na medida em que é aberto a opostos por causa do conhecimento humano. Pois não habituamos corpos naturais, como é afirmado no Livro II da *Ética*; nem, de fato, é possível causar hábitos em coisas que carecem de conhecimento. Ora, as afirmações que foram feitas, como é evidente a partir das próprias afirmações, devem ser interpretadas no sentido de que alguns homens são mais sábios, não na medida em que são "práticos", i.e., homens de ação, como convém aos homens de experiência, mas na medida em que têm um plano para as coisas a serem feitas e conhecem suas causas, que são a base de tal plano; e isso convém aos artistas mestres.

29. Em geral, um sinal de conhecimento científico (10).

Aqui ele apresenta o segundo argumento, que é o seguinte: um sinal de conhecimento é a capacidade de ensinar, e isso ocorre porque cada coisa é perfeita em sua atividade quando pode produzir outra semelhante a si mesma, como se diz no Livro IV dos *Meteoros*. Portanto, assim como a posse de calor é indicada pelo fato de algo poder aquecer outra coisa, de modo semelhante, a

posse de conhecimento é indicada pelo fato de alguém poder ensinar, ou seja, causar conhecimento em outro. Mas os homens que possuem uma arte podem ensinar, pois, como conhecem as causas, podem demonstrar a partir delas; e a demonstração é um silogismo que produz conhecimento, como se diz no Livro I dos *Segundos Analíticos*. Já os homens que têm apenas experiência não podem ensinar; pois, como não conhecem as causas, não podem causar conhecimento em outra pessoa. E se ensinam a outros as coisas que sabem por experiência, estas não são aprendidas à maneira de conhecimento científico, mas à de opinião ou crença. Portanto, é claro que os homens que possuem uma arte são mais sábios e mais conhecedores do que aqueles que têm experiência.

30. Além disso, não consideramos (11).

Aqui ele apresenta o terceiro argumento, que é o seguinte: conhecer coisas singulares é próprio dos sentidos, mais do que de qualquer outro tipo de capacidade de conhecimento, pois todo nosso conhecimento de coisas singulares se origina nos sentidos. No entanto, não consideramos que "nenhum destes", ou seja, nenhum dos sentidos, seja sabedoria, porque, embora cada sentido saiba que algo é assim, ele não sabe por que é assim; pois o tato julga que o fogo é quente, mas não sabe por que é quente. Portanto, os homens de experiência, que têm conhecimento de coisas singulares, mas não conhecem suas causas, não podem ser chamados de sábios.

31. É apropriado (12).

Aqui ele compara a arte prática com a arte especulativa; e a respeito disso, faz três coisas. Primeiro (20), mostra que uma arte especulativa é sabedoria em maior grau do que uma arte prática. Segundo (*ibid.*), responde a uma objeção ("A diferença").

Ele prova sua primeira afirmação com este argumento: em qualquer uma das ciências ou artes, descobrimos que homens com conhecimento científico são mais admirados e tidos em maior estima do que todos os outros homens, porque seu conhecimento é considerado mais nobre e mais digno do nome de sabedoria. Ora, o descobridor de qualquer arte é admirado porque percebe, julga e discerne uma causa além das percepções de outros homens, e não por causa da utilidade de suas descobertas. Admiramo-lo antes "como sábio e como distinguindo [uma coisa] das outras". Como sábio, de fato, no modo sutil com que investiga as causas de suas descobertas, e como distinguindo [uma coisa] das outras na medida em que investiga as maneiras pelas quais uma coisa difere de outra. Ou, segundo outra interpretação, "como distinto dos outros" deve ser lido passivamente, como sendo distinguido a esse respeito dos outros. Daí outro texto ter "alguém que é diferente". Algumas ciências, então, são mais admiráveis e dignas do nome de sabedoria porque suas observações são mais notáveis, não porque são úteis.

32. Portanto, como muitas artes úteis foram descobertas (umas para prover as necessidades da vida, como as artes mecânicas, e outras para nos introduzir nas ciências, como as disciplinas lógicas), aqueles artistas devem ser considerados mais sábios cujas ciências foram descobertas não por causa da utilidade, mas apenas por causa do conhecimento, ou seja, as ciências especulativas.

33. Que as ciências especulativas não foram descobertas por causa da utilidade fica claro pelo seguinte fato: depois que todas as ciências desse tipo "já haviam sido desenvolvidas", i.e., adquiridas ou descobertas, que podem servir como introduções às outras ciências, ou prover as necessidades da vida, ou dar prazer (como aquelas artes cujo objetivo é deleitar o homem), as ciências especulativas foram descobertas, não para esse tipo de fim, mas por si mesmas. O fato de não terem sido descobertas por causa da utilidade torna-se evidente pelo lugar em que foram descobertas. Pois elas se originaram naqueles lugares onde os homens primeiro se dedicaram a tais coisas. Outra versão diz: "E primeiro naqueles lugares onde os homens tinham lazer", i.e., tinham tempo para estudo porque estavam livres de outras ocupações devido à abundância de coisas necessárias [para a vida]. Por isso, as artes matemáticas, que são especulativas em grau máximo, foram primeiro descobertas no Egito pelos sacerdotes, que tinham tempo para estudo e cujas despesas eram custeadas pela comunidade, como também lemos no Gênesis (47,22).

34. Mas, como os nomes "sabedoria", "ciência" e "arte" foram usados indistintamente, para que alguém não pense que esses termos são sinônimos, ele exclui essa opinião e remete à sua obra sobre a moral, i.e., ao Livro VI da *Ética*, onde explicou a diferença entre arte, sabedoria, ciência, prudência e entendimento. E para dar a distinção brevemente — sabedoria, ciência e entendimento pertencem à parte especulativa da alma, a qual ele nessa obra chama de parte científica da alma. Mas diferem porque o entendimento é o hábito dos primeiros princípios da demonstração, enquanto a ciência lida com conclusões derivadas de causas subordinadas, e a sabedoria com as primeiras causas. Esta é a razão pela qual ela é ali chamada de ciência principal. Já a prudência e a arte pertencem à parte prática da alma, que raciocina sobre nossos cursos de ação contingentes. E estas também diferem; pois a prudência nos dirige em ações que não passam para alguma matéria externa, mas são perfeições de quem age (razão pela qual a prudência é definida nessa obra como o plano racional das coisas a serem feitas), mas a arte nos dirige naquelas ações produtivas, como construir e cortar, que passam para a matéria externa (razão pela qual a arte é definida como o plano racional das coisas a serem feitas).

Sabedoria lida com as causas.

35. A partir do que foi dito, ele prova sua tese principal, ou seja, que a sabedoria lida com as causas das coisas. Ele diz que a razão "para empreender esta investigação", i.e., o raciocínio acima, é que a ciência que é chamada de sabedoria parece tratar das primeiras causas e princípios. Isso fica evidente pelo que foi dito anteriormente; pois quanto mais um homem atinge o conhecimento da causa, mais sábio ele é. Isso também é evidente pelo que foi dito anteriormente; porque o homem de experiência é mais sábio do que aquele que tem apenas sensação sem experiência; e o artista é mais sábio do que qualquer homem de experiência; e entre os artistas, o arquiteto é mais sábio do que o trabalhador manual. E, de modo semelhante, entre as artes e ciências, as especulativas são mais científicas do que as práticas. Todas essas coisas estão claras a partir das observações anteriores. Segue-se, então, que aquela ciência que é sabedoria em sentido absoluto lida com as causas das coisas. O método de argumentação seria semelhante se disséssemos que aquilo que é mais quente está mais em fogo e, portanto, que aquilo que está em fogo em sentido absoluto é quente em sentido absoluto.

Revision #9
Created 6 September 2026 21:53:54 by Admin
Updated 10 September 2026 23:59:55 by Admin